

A cantora Miúcha dá seu depoimento sobre o escritor que renovou

No apartamento de cobertura em Ipanema, no Rio de Janeiro, a presença do historiador, professor e escritor Sérgio Buarque de Hollanda — recentemente falecido — está viva num imenso poster colocado na sala principal. Heloísa Maria Buarque de Hollanda, a cantora Miúcha, sua filha mais velha, está afivelando as malas para uma excursão por 25 cidades do interior nordestino. O clima é de agitação, muitos telefonemas, ensaios. Foi num intervalo dessa roda-viva que ela lembrou, durante três horas, para MANCHETE, aspectos íntimos do autor de *Raízes do Brasil* (1936), *Cobra de Vidro* (1944), *Monções* (1945), *Caminhos e Fronteiras* (1957), *História Geral da Civilização Brasileira* e *Tentativa de Mitologia*, livro pelo qual recebeu, há dois anos, o Troféu Juca Pato e o título de Melhor Intelectual do Ano.

MANCHETE — *Como se sente lembrando o pai Sérgio Buarque?*

Miúcha — Uma certa dificuldade... Quando você me procurou um mês atrás eu estava preocupada e não quis encontrá-lo logo. Não desejava dar um depoimento muito pra baixo, uma coisa muito sentida, uma imagem triste de papai, essa imagem de pai-monumento, porque ele era exatamente o avesso dessas coisas todas. Há muitos anos não sei o que é sentir a experiência da morte em família. É uma coisa muito difícil de digerir. E talvez nunca mais consiga digerir a morte do meu pai. Mas tem uma hora em que, no meio desse clima todo, vem a nossa objetividade natural sobre a morte. Papai morreu, mas não deixou de existir. As coisas dele — o pensamento, o exemplo, a curtição e o senso de humor —, tudo isso está em mim para não sair jamais. Ele era uma pessoa humana muito diferente do que a seriedade e a rigidez do seu trabalho deixavam entrever.

— *Quer dizer que ele era como todos os pais...*

— Ao contrário. Acho até que era um homem incomum, de tanto que ele se parecia com os pais normais. Era muito engraçado. Possuía um agudo senso crítico das coisas. Um espírito de humor muito penetrante, o tempo todo. Sou péssima conhecedora da obra do meu pai. E aí, no que eu a leio, me encontro com aquele cara sério, com o historiador famoso que indubitavelmente ele era. O meu relacionamento, no entanto, era mais de filha para pai do que de aluna para professor. Ele nunca quis ser o dono da verdade com os filhos.

— *Como era na educação? Rígido, sistemático ou liberal?*

— Para começar, ele não se metia nisso. Estava combinado que seria mamãe, Maria Amélia, quem comandaria esse barco, como realmente aconteceu. Papai achava muito chato cuidar de criança, trocar fraldas e paparicar a gente. Até começarmos a falar, ele não tinha muito contato. Com o tempo, ele foi se aproximando. E nos deu uma educação bem livre. Não tinha esse negócio de dizer: "Tire o cotovelo da mesa... Não faça isso." Não era

um ditador dentro de casa. Seu lance de educação tinha muito a ver com suas raízes. Nasceu no bairro da Liberdade, em São Paulo, e foi com liberdade e criatividade, sem censura e sem barreiras, que nos criou. Ele sempre me dizia: "Você pode ousar tudo." Eu nunca mais me esqueci dessa frase.

— *Com os filhos homens também usava a mesma receita?*

— Era a mesma coisa. Eu me lembro de outra de suas frases, que muito me marcou. Estava em São Paulo, achando tudo muito chato, tinha uns 23 anos e resolvi sair do Brasil. Coisa de primeira filha. Procurei-o, esperando talvez uma decisão de pai moralista. Mas ele me surpreendeu com a resposta: "Minha filha, não vejo muita diferença entre homem e mulher. Se quiser viajar, avise a sua mãe." Ele não tinha desses dogmas de certo e errado, para nos criar.

— *E as famosas palmadinhas? Nunca aconteceram?*

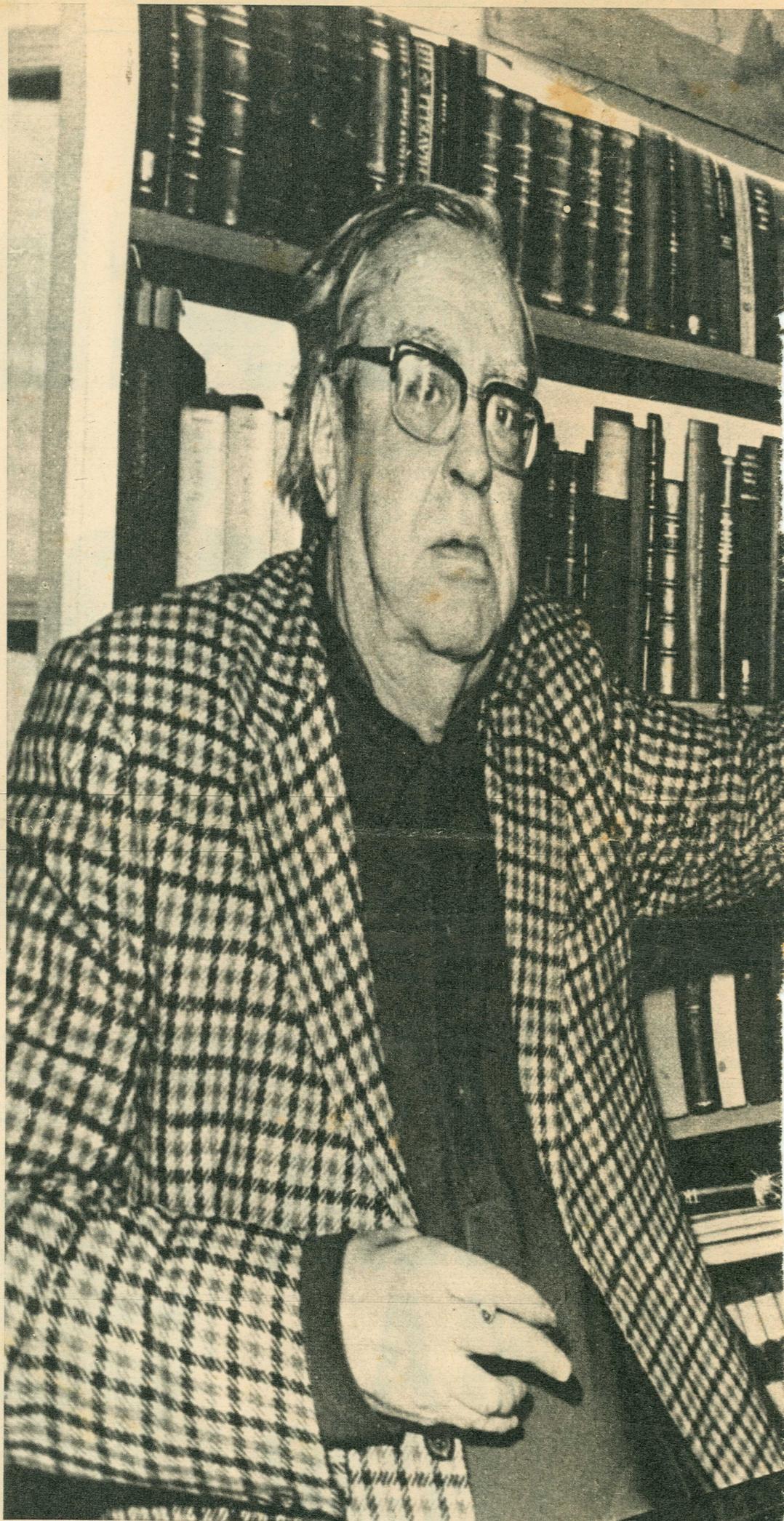
— Nunca, nunca! Mamãe é que sempre nos advertia: "Não façam barulho. Seu pai está trabalhando." Lembro que ele gostava de escrever de janelas fechadas e a porta sempre aberta. De longe, dava para ouvir aquela batida da máquina, o tempo todo.

— *Ele, então, não dava muito papo para os filhos...*

— Não é bem assim... O verdadeiro lance dele era o da extra-educação. Deixava as coisas acontecerem naturalmente. Quando notava que sua batida da máquina cessava, eu entrava meio furtivamente no escritório, ao lado do meu quarto, e lia bastante literatura russa, francesa... Conversávamos muito, de modo extremamente informal. Ele tinha rara intimidade com os livros. E transmitia seu entusiasmo de maneira exuberante. Gostava de ler em voz alta. Sinto muita saudade daquele tempo. A literatura — sem ele — para mim perdeu um pouco a graça.

— *O que ele dizia dos seus alunos? O que achava dos jovens?*

— Papai era um otimista, o tempo todo, em relação aos jovens, apesar de certo obscurantismo político em que vivíamos. Ele, propriamente, não falava dos seus alunos em casa. Mas conheci



Meu pai
**SÉRGIO BUARQUE
DE HOLLANDA**
"Ele sempre lutou
pela liberdade"